



Gaiato



Visado pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 18
PREÇO 1\$00

NOTA DA QUINZENA

CHEGOU o tempo de abrir novo caminho, dos muitos e variados que uma obra social oferece, quando está posta entre os homens para os servir totalmente: garantir uma casa de habitação ao Rapaz que a merecer.

Muitos dos que nos procuram, não atingem o seu fim. Temos exemplos de casos perdidos, casos avariados, casos de pouco rendimento. O nosso quinzenal está farto de dar notícias desta natureza. Mas temos, felizmente, os fortes, os decididos, — os Raros. Poucos, sim, mas são. Já há alguns com os quais se pode contar. Ora é desta massa que hão-de surgir os legítimos continuadores. Nas nossas constituições íntimas lê-se:

A Nossa Tipografia

RECOLHEU a procissão. Nós, os de Casa, também sentíamos a obrigação de marcar presença e d'esta sorte, fizemos nossa a quantia de 100 contos. Enfileirou, assim, o trabalho dos impressores e dos Compositores e dos Dobradores e dos Expedidores do Livro. Andam todos mais contentes. Sentem que prestam para alguma coisa. Encorporem-se no magestoso cortejo que durante uns dois anos, fez as delícias de quem o viu passar. Aos pouquinhos, como acontece a quem tem mais crédito do que dinheiro; aos pouquinhos, dizia eu, havemos de dar conta da dívida. Seja o remate d'esta notícia as lágrimas, o sacrifício, a ternura, a devoção, o gozo, — todos aqueles sentimentos e toda aquela acção que tanta luz fez nas almas, a pontos de muitos e muitos e muitos recordarem com saudades, os tempos em que era possível uma associação. Hoje não; recolheu a procissão.

Mesmo por pagar, a nossa tipografia é um valor social; é um meio para fazer operários de boa consciência.

A tendencia da Obra, é que sejam rapazes os seus próprios continuadores; por isso mesmo escolha-se entre eles o mais avisado e dê-se-lhe preparação. Os «Padres da Rua» não devem ter funções administrativas. É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais actividades, sejam dirigidas e exploradas por rapazes idónios, segundo a escolha do Superior, a quem devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos.

Dê-se ao rapaz o sabor de comer o pão, em nossas casas, com o suor do seu rosto. Chame-se cada um a esta responsabilidade e não se lhe falte com o salário justo.

Nem com a sua casa. A casa é o vínculo da família. Eu nunca teria dado nada a um dos meus Raros, enquanto lhe não desse facilidades de constituir família e a vantagem de uma habitação, — nunca. É preciso que esta palavra Confiança, de que tanto gosto, não tenha, dentro da nossa obra, significado profano; ela tem de ser material de construção. Por isso mesmo, alguns já calcaram o terreno que eu lhes fui mostrar. Mediram com seus olhos. Sonharam... Foi possível adquirir uma parcela de 4216 metros quadrados, rentinho ao muro da nossa aldeia, por preço caseiro. Isto foi um quasi milagre. Ninguém quer ceder um palmo. A maioria dos homens, vive da terra; são terrenos.

Comprado o terreno vem outro problema: a construção. Fui por aí abaixo até à Capital. Subi os degraus daquele Ministério aonde tenho tido grandes consoladelas, e agora mais uma! Expus a modestia do meu projecto. Que sim e que sim e que sim.

Não se vai começar já. Não há pressas, mas no rolar do ano havemos de ter alguma coisa que se veja. Uma modalidade interessante na construção do futuro Bairro, é que hão-de ser os próprios rapazes a dar conta da obra feita. Pedreiros, carpinteiros, trolhas, — tudo prata da casa; e desta sorte, enquanto levantam as suas casas,

fazem-se operários de construção civil.

Construir casas, em nossos dias, é fazer um acto de fé na perpetuidade, porquanto, vistas as coisas ao longe e ao largo, parece que havia de falhar a coragem... Enós vamos construir! Aqueles dos nossos que já acreditavam, hoje acreditam muito mais. Alguns que tinham seu emprego, deixaram-no, quando os chamei. Outros, rejeitaram bons empregos, por terem sido chamados. Uns e outros não se enganaram, tendo vindo; nem eu os enganei, ao chamá-los.

Não vão, certamente, fazer fortunas pessoais no âmbito da nossa obra. Não podem. Mas podem, sim, enriquecer-se daquela verdadeira e doce riqueza que é dada ao homem: podem amar, assim como foram amados. Isto basta-lhes.

O NOSSO LIVRO

ORNO a dizer: se eu tivesse tempo de fazer um outro livro das cartas que chegam todos os dias, este havia de ser mais rico em variedade e sentimento! Simplesmente belo! Eu admirei enquanto leio, as potências da alma de como é formosa quando escreve sua simples magestade; de como elle chora e faz chorar. O' peias; ó comprimentos; ó reticências; afastai-vos deixai passar. A alma não sofre machas, por ser a imagem de Deus!

A edição dos cinco mil, está praticamente exgotada! O Piolho continua inscrever dezenas de nomes, enquanto Zé da Lenha e Preta preparam diáriticamente 60 d'elles e Avozinha conduz a estação.

O que eu mais gosto é de ver os do grandes, cosidos à mesa, a coser livros alegres e desembaraçados. Afinal de contas, são estes rapazes os verdadeiros autores do livro. Sem eles, não haveria o Isto é a Casa do Gaiato.

AQUI, LISBOA!

FEZ agora três anos que foi aberta a porta santa deste Santuário de Almas — 4 de Janeiro de 1948.

Os dois primeiros anos passaram-se a tapar buracos no velho e escanzelado Palácio da Mitra; o terceiro, na nova construção do Casal Agrícola.

Se forem à vante os nossos planos, esperamos este ano concluir e povoar o dito Casal, abrir o Lar de Lisboa, e deitar a mão à demantelada igreja de D. Tomás de Almeida.

Aos dez Rapazes que vieram abrir as portas, limpar o entulho e desalojar os morcegos, outros se vieram juntando pelos tempos adiante até à conta de 75, em que estamos. Claro que nada do que até agora se fez, apareceu por geração espontânea. A sementeira que se tem feito na dor, vai germinando em feixes de alegria.

Estivemos a folhear uma colecção d'«O Gaiato» que um bom amigo nos ofertou. Recordamos as lamúrias das primeiras horas em que nada aqui havia. Já tudo lá vai; tudo esqueceu perante o regozijo de ter dado a mão aos cem Rapazes que o livro das entradas regista.

O ano de 1950 não queria terminar sem sobressaltos. Felizmente à última hora, conseguimos saldar todas as dívidas. No dia 29, um Senhor deixava no Patriarcado dez contos. É já a terceira vez que este donativo ali se repetiu. Sem o saber, este Senhor veio aliviar-nos dum grande peso e garantir-nos a continuidade da protecção da Providência.

Com este donativo e muitas outras migalhas anónimas, estivemos uma hora a passar cheques aos nossos credores. Por eles dividimos 35 contos.

Assim entramos no novo ano com a cara levantada, sem outras dívidas que não sejam de gratidão. Mas estas são tão grandes, que já mais nos será possível saldá-las. Alguém que tudo vê e que tudo regista, se encarregará disso.

Para quem tiver a paixão dos números, aqui deixamos um resumo das muitas contas que durante o ano se fizeram. A despesa total foi de: 733.186\$80.

Mais de metade desta quantia escoou-se nas obras. Para elle contribuiu o Ministério respectivo com cem contos. Para almentar, vestir e os calçar 75 Rapazes.

(Continua na 3.ª página)

PEDITÓRIOS

FOI no Águia d'Ouro e no Júlio Denis. Das fitas não digo nada, porque as não tenho visto; eu não vou ao cinema. Vou pedir. Eu ando a pedir. Mas admiro o poder da tela; a fascinação. São casas cheias de crianças grandes!

Eu apareço na hora marcada. O Fiscal tem tudo preparado, à ordem da Direcção; e os Serventes e Porteiros, estão todos no seu lugar, de muito boa vontade. Alguns vão mais longe e querem concorrer, monetariamente. *Aceite porque eu tenho emprego certo.* Aonde a casa é grande, costumam colocar o micro, para que a voz do pedinte chegue a todos os recantos.

Nunca são mais de dez minutos; a fita não sou eu e a assistência está por causa dela. Imediatamente à derradeira palavra, saem os rapazes munidos de uma saca e todos entregam ao chefe do Lar do Porto, cada qual a sua. No dia seguinte, em Paço de Sousa, eu sei quanto os senhores deram, cuja importância é depositada no Banco, se não há qualquer factura de urgência a pagar; que havendo, paga-se. Esta é a parte mais simpática destes dolorosos peditórios: a confiança. Deixar tudo nas mãos deles.

Na primeira casa de espectáculos, não chegou a dois contos e na segunda, por mais uns tostões, chegava aos quatro. Não admira que Padre Adriano sintia dificuldade em ir aos palcos. Os pulpitos, sim; são nossos e também é nossa a multidão. Estamos em nossa casa, com a nossa gente. Mas ali não é assim. Eu sinto que sou impertinente. Não sou ali chamado. E se não fosse o poder da Obra, quase tamanho como o da tela, os rapazes pouco ou nada haviam de recolher. Por isso vou. Por isso continuarei. Naquilo mesmo que muito amarga, se não posso, evidentemente, encontrar doçura, colho fortaleza e arranjo lata. Eu ando a pedir! As colunas gigantescas que levantam e suportam a obra, são feitas daquele verbo. Não é pedir um favor. Não é pedir uma cunha. Não é pedir um geito. Isso pede-se todos os dias, na vida de relação. E' pedir uma esmola. E' mendigar!

Por mais paradoxal que isso se nos afigure, toda a obra social que tenha de trabalhar para comer dia a dia, é rica. Se vive das suas rendas, pode vir a morrer de fome.

Todos os domingos da Quaresma levarei nesta faina; no próximo ano, se cá estivermos todos, é nas igrejas. Desta sorte, serei cada vez mais visto e mais conhecido; e faço verdadeiro o dito de um pequenino mendigo que procurou há tempos a nossa casa; a perguntar *se é aqui que mora um homem muito falado que se chama senhor padre Américo.* Era a mim que ele perguntava. Eu disse-lhe que sim.

Ainda não adquiriu o «ISTO É A CASA DO GAIATO»?

Então envie um simples postal e o livro ser-lhe-á remetido pelo correio.

Pedidos à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

UM estudante pobre manda-nos a sua roupa usada,—*pode usar-se sem receio.* Como não? Um estudante, mocidade casta e saudável; como não? Mais roupas da mesma sorte, dos lugares mais distantes e mais escondidos, aonde chega a boa nova de *O Gaiato*. Mais o mealheiro de 3 irmãos de 9, 10 e 12; e também a nossa *irmãzinha mais pequena*. Andavam a juntar para uma bicicleta, mas resolveram de modo diferente; 115\$00.

Mais 100\$ para o Barredo. Mais 50 litros d'azeite. Mais uma nota de 500\$ de Lisboa, a qual chegou dentro d'uma carta e esta aberta e a nota à vista e ninguém lhe mexeu! Mais de Montemor-o-Velho uma gabardine, da Georgina. Mais 100\$ da capital. Mais 500\$ do Ribatejo. Também ali tem chegado a força do jornalzinho... Mais um conto de Vila Perry. Para quem não souber, aqui se diz que aquela terra fica em Portugal, da outra banda do Oceano Atlantico; e é a Maria Luiza que fala: *para o Padre Américo pagar a conta da farmácia da conferencia dos Gaiatos de Paço de Sousa.* Que doce linguagem! Que português tão lindo! Sente-se aqui o coração de quem fala! Já gostava, mas agora fico gostando mais do nome Maria Luiza! Entreguei o conto ao Júlio. Mais 200\$ do Sindicato dos Empregados d'Escritório. *A grande pecadora* digo que sim; celebrei uma mas não posso tomar compromisso de mais. Mais um Cavaleiro que entrou e deixou ficar no Espelho da Moda uma carta fechada; dez contos: *gratidão pela Obra construída e mantida*, é o rótulo. Assina um anónimo. Condição; a pessoa, o sentimento, a maneira. Estamos num século novo. Regressamos ao tempo glorioso da Ressurreição; esta forma de dar, é um sinal. Ora queiram ler isto que vem do estrangeiro, embora seja um português a escrever:

Como sempre leio o Gaiato e quando ele chega não faço outra leitura espiritual.

Hoje comecei pelo «O donativo» do n.º 178 (Aqui chega tarde).

Como V. e o Avelino, ajeitei-me no ladrilho frio do meu quarto e rezei o credo em voz alta. Sim eu creio.

Também eu. Por isso mesmo não aceitamos heranças nem temos a galeria dos retratos a óleo...

Mais 1 duzia de camisolas interiores e 75\$00, dos empregados da Casa Novais. Mais 250\$00 para o Barredo. Mais 100\$ da Terceira.

Mais roupas de malha da Helena: (fábrica). Mais do Ameal uma nota de mil. Mais 40\$ de alguns *humildes trabalhadores da rua da Senhora da Lapa*. Himalaias de sacrifício; estamos num século novo! Mais do Estoril, um servo da casa préga a obra e induz a senhora, a qual envia 500\$00. *Eu pouco posso dar mas faço propaganda para que aqueles que podem o façam.* Mas isto é simplesmente maravilhoso. Nós já temos adeptos dentro dos palácios — *eu faço propaganda.* Mais do Rio 400\$00 para a Obra e 250\$ para o Barredo. Mais brinquedos de Oliveira & Pinheiro, Porto.

Mais 20\$ de Gondomar, *pelos primeiros passos do meu irmãozinho.* Isto é admirável! Tem de ser comparticipante da natureza de Deus, uma obra humana

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

que arranque aos corações tão formosos desejos.

Mais de Magude dois pacotes com 10 quilos de açúcar cada um.

Foi a Ana que mandou. Também recebemos daquelas paragens, uma caixa de roupas. Magude, para quem não souber, fica no continente africano. Mais da Covilhã tecido para sobretudos: *em resposta ao seu apelo.* Mais de Castanheira de Pera, para o Barredo, 50\$. Mais 100\$ de uma professora.

Mais uma subscrição de 50 angolares, da Escola Primária N.º 62 de Sá da Bandeira. Mais 100 angolares de Dundo, de uma promessa. Mais 500\$ de um Grémio do Porto.

Mais a *Maria atribulada* do Porto com 20\$00. Mais um saco de batatas de semente, de Montalegre; e um dito de Oliveira do Hospital. Vamos semear. Mais um é muito pouquinho mas não posso dar mais. Mais um que deseja vencer o curso de oficiais milicianos; quanto ao mais, não se perturbe. Confiança. Confiança no Senhor. Mais 200\$ do Porto. Um assinante de Lisboa, da Praceta Almirante Reis, entregou e receberam-se aqui 500\$ para o jornal. *Dois amargurados* com 150\$. Mais 20\$ de Lamas da Feira. Mais do Porto, 40\$ para o Barredo. Mais metade idem. Mais 20\$, ainda do Porto, para as Furnas

do Padre Adriano. Mais 20\$ para o Barredo. Mais os funcionários e o chefe da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, que pagaram uma licença que ali se foi tirar. Mais morcelas doces; uma trazia rótulo a dizer que a dessem ao *Piolho*. Deu-se. Mais ditas de Arouca.

Ainda ninguém deu fé, e, se o tezes, não consta que tenha falado; são os cortejos de oferendas. Nós todos, sem querer, e por achar bonito, estamos a paganizar a esmola! Eu tenho medo, pelas altas pessoas que formam as comissões; pela boa vontade; pela recta intenção de todos—maior o perigo! O mal maior é aquele que se nos apresenta ao espírito como um bem.

Mais do Porto:

Peço imensa desculpa de enviar uma gabardine meia inteira e meia desfeita.

Porém neste momento é do que eu posso dispor, e como por a roda ter desandado, eu nunca pude dar algo para a já conhecidíssima «Obra dos Rapazes» não quero neste momento deixar de dar alguma coisa, embora seja um farrapo.

Embora seja um farrapo! É nisto que está a devoção. Nisto o valor da oferta.

O NOSSO JORNAL

O próximo número é de aniversário. O menino faz anos.

Eu cá não queria festa, mas Júlio sim. Quer um bibe novo.

Desatou a pedir colaboração especial aos crónistas do Tojal e de Miranda e de Coimbra e de S. João da Madeira e do Porto e de Paço de Sousa. A mim dá duas páginas e quer que eu me apure. Quando lhe falei nas despesas que tudo isto nos vai acarretar, sobretudo com as duas tintas, Júlio comenta: *nós temos de ter uma atenção para com os nossos amigos; dar uma consoladela a todos os leitores, e eu assinei.*

A paixão que o jornal semeia nos corações de todos, é causada por uma semelhante, dos Rapazes da Administração. Eles fervem. Exempk: era já o meu desejo começar com o segundo volume do livro, mas Júlio não. Não senhor. *Vamos à campanha dos cinquenta mil*, disse. E desenvolve magistralmente: *que o livro lê-se e guarda-se na estante, enquanto que o jornal aparece todos os quinze dias.*

De forma que, num futuro muito breve, cada leitor encontrará dentro do seu tesoiro, uma lista, cujos dizeres são totalmente deles, a pedir novos assinantes! Quem pode resistir?!

A tiragem actual é espantosa e tende a subir com os vendedores de S. João da Madeira. Zé Barros, que tem sido o áz de Aveiro, informa que ali *vende-se bestial*. Logo à saidinha da estação começamos a vender, prossegue. *O meio dia, já estamos limpinhos.* E narra, ele mai-lo seu companheiro, o que comem e em casa de quem. O Machado, campeão de Ovar, por ter sido ele a *descobrir*

a praça, não se pensa em substituições, a menos que ele faça por lá alguma... Espinho, tem o seu vendedor. A vila de S. João da Madeira e seus arredores, está fornecida. Nós não faltamos, assim o mundo nos não falte.

O Avelino trouxe-me o movimento e balanço do ano, com um saldo positivo de 517.922\$95. Se eu disser que mais do dobro daquela soma nos vem pelo jornal, na roda do ano, não estou muito longe da verdade. Dizendo eu, ainda, que se algum faz sacrifício em dar, este é o de não poder dar mais, não estou longe; estou na própria verdade. No coração da verdade. A tal ponto Deus ama os homens que os impregna do seu amor!

Polícia Judiciária

TAMBÉM. Agora estamos a coberto de todas as forças do País! A Polícia Judiciária do Porto, vem com 547\$00. A carta é de um Superior, onde diz que *os funcionários solicitaram-me autorização para se cotizarem.* Eis o mérito. Trás o selo da obediência. É uma oferta qualificada. Polícia das Estradas. Polícia de Segurança. Polícia Marítima. Polícia Internacional. Agora a Polícia Judiciária. As Forças ao serviço da Fraqueza. Assim dá certo. Assim, ganha-se.

BARRREDO O TRIBUNA DE COIMBRA

UMA das interessantes revelações é encontrar mães no Barrredo de filhos que abrigamos. Elas abeirram-se de mim, por notícias. Dão os sinais. Dizem o nome. *Eu queria ir lá, mas os ganhos são nenhuns.* Elas sabem tudo quanto se passa cá por casa, a respeito dos seus filhos.

— Quem lhe disse?

— São os gaiatos do jornal. Outras, por doentes, são da Conferência dos nossos do Lar, e também ouvem notícias todas as semanas na maré da visita. Estes são os meus conhecimentos; formidável cartão de visita!

A gente nunca vai de mãos vazias. Desta vez levava comigo uma fortuna: dois vestidos usados, *a creada manda um e a senhora manda outro.* Em primeiro lugar, notemos o bom entendimento desta senhora e sua creada; e por associação de ideias, a quem havia eu de entregar o precioso tesouro, a quem? Já se sabe; foi à de Rezende que perdeu a sua senhora e com ela o seu bem. Está muito doente. Muito pior. Cada vez mais tolhida. Tinha comido ontem à tarde um caldo de farinha e na hora a que cheguei, dia alto, estava sem nada; *os dias são muitos e os comeres são mais.* Não era uma queixa; esta classe

de pobres não se queixam de ninguém. Era, sim, a declaração de uma experiência amarga—*os comeres são mais.*

Gosto da pronúncia acentuada desta e de sua irmã, a enfermeira. Há tantos anos longe da terra natal e hoje, como em pequeninas, são de Resende, pela fala!

D'ali, fui àquele moço que chora por um leito no Sanatório. Neste caso como noutros semelhantes, temos alguém que bota a mão. Ninguém diz que no meio do turbilhão social, há discípulos que vivem e gastam-se na amizade permanente do Mestre! Aqui há tempos, nestas casas que visito, foi visto e ouvido um aparelho de telefonia à cabeceira de um doente! Aqui há tempos, nas ilhas de S. Victor, fiquei apavorado com algo que ali topei. Pois bem; dias depois, estava o doente em cama lavada! São discípulos. Hoje como ontem, Jesus faz discípulos. Se pelo seu estado eles não podem ir, — mandam. E' o caso d'este. Têm uma assistente. *E' uma menina muito airosa,* me declarou a avó do que chora por um leito, quando o fui visitar. Assim tem de ser. Todos quantos andam no mundo em nome do Senhor, são bem-vindos, aonde quer que chegam; e sempre muito airosos.

A gente moça de Coimbra está a visitar-nos muito. Nós somos luz! E a fábrica de Sacavém que nos costuma dar muitas louças e agora nos deu 20\$00; e a fábrica «Triunfo» com cinco pacotes de massa e bolos; e umas botas muito boas e quentinhas que me serviram maravilhosamente; e umas calças e orações. Tudo isto de Coimbra.

E uma Filomena de Lisboa com dois retalhinhos de flanela e bretanha com pena de não poder dar mais e a chorar ao ler as linhas do «Famoso». O chorar não é desprezo; a Virgem também chorou. E dez metros de flanela duma Madalena de Lamego; e cem da Sociedade Nacional de Sabões de Lisboa; e dois retalhos de ótima fazenda de Luanda duma pessoa que *não sei quem deu.* Deus sabe. Mais luz. A luz já alumia todo o nosso Império. É de O. de Azemeis uma senhora com duas caixas de bolos e frutas para os «Lázarus» feitos com amor e devoção pela saúde e vida de meu marido, já assim tem feito nos anos anteriores. E a Empresa Textil da Cuca com meio cento.

E uma criada de servir com cinquenta e a pedir orações por alma de sua mãe. Sangue e lágrimas; duas forças invencíveis. E um proprietário de uma das melhores fábricas de Coimbra com 250\$00. E um cabrito que já tem a sua história. E grão e passa e 5 litros de azeite; e a seguir vem

(Continuação do número anterior)

uma abóbora e açúcar e arroz e laranjas. Festa completa! Ninguém se admira; foi no dia de Natal. E cinquenta; e um par de botas e um casaco e 30\$00; e vinte para a Conferência; e cem pelo Sr. P.^o Adriano; e um pijama e cem escudos; e oito metros de flanela; tudo de Coimbra.

E flanela de uma desconhecida que vos traz a todos no coração de Marco de Canavezes; e do Grémio do Bacalhau de Lisboa 60 Kg dele; e do Grémio de Arroz de Lisboa duzentos e cinquenta; e de uma senhora da nobre vila dos Marialvas, cem para a tipografia e cem e trinta para «O Gaiato».

Que ninguém fique espantado com o que nos deram desta vez, pois Coimbra habituou-se mais ao Natal e depois esquece e tudo isto dá para poucos dias e o ano tem 365 e vem aí um com 366 e eu ando preocupado. São os cães. E' uma canzoada medonha! Dirijome aos senhores leitores que no destino que derem aos lucros de 1950 não se esqueçam desta obra que é de todos e de cada um. Aqui é o tesouro que nem os ladrões roubam, nem a tinha penetra, nem a ferrugem corroi. «Quem dá aos pobres, empresta a Deus». Não se esqueçam. O maior lucro que se pode tirar é lançar alguma coisa neste cofre.

Padre Horácio

CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

Conhecendo os nossos irmãos

MAIS um que damos ao vosso conhecimento. E' bom que o mundo saiba como vivem os nossos irmãos. Calar é consentir. Porém, nós não consentimos; revolucionamos e queremos erguer, porque fomos erguidos! Eis a doutrina do Amor.

Foi o primeiro caso de tuberculose que nos apareceu. Era operário, e trabalhava no Porto. Veio a doença e a miséria fez-se sua companheira. No princípio, a providência lembrou-se. Mas foi sol de pouca dura... Quando mais precisava, veio a penada... Parece impossível, deixar-se morrer à fome e sem assistência este e outros. Há muitos que, por lhe pertencerem, não podem entrar em sanatórios...

A nossa conferencia chegou bastante tarde para o salvar. A doença já o minava irremediavelmente. Não se salvava. Experimentou-se o que há de melhor, mas o médico disse que era dinheiro mal empregado. Então resolvemos deixar a estreptomicina. Custou-nos, mudando os rotulos dos medicamentos, para termos a consciencia sossegada. Para que daqui amanhã venha o seu dia e durma eternamente com assistência. Ai se não fossemos nós... Seria mais um dos casos que vimos: estampados nos jornais: *faleceu sem assistência...* E' desumano. Os animais é que assim morrem. O ser humano, esse não deve. E' ou não superior? Por isso nunca deixaremos de lhe levar medicamentos e alguma coisita para comer. Sim, alguma coisita. A nossa conferencia não tem fundos. Vive do que os nossos amigos nos dão.

Não contamos com isto ou com aquilo. E' o pão nosso de cada dia.

Para comer, se não fossemos nós, nem uma côdea de pão teria em casa! Enquanto houver casos assim, é impossível que não haja guerras. E' impossível que não haja descontentamentos. Pobres, evidentemente, sempre os haverá. Mas não vamos camuflar a pobreza, dizendo que ela sempre haverá. Não. O que é preciso é trabalhar. Repartir. Leão XIII tinha razão em prever e prevenir os acontecimentos...

O QUE PRECISAMOS

Nós precisamos muito da vossa ajuda. Quanta alegria não sentimos quando se lembram dos nossos irmãos Pobres! Nós vivemos as suas alegrias e tristezas. Temos de as sentir. Quem não tem compaixão dos Pobres? Todos. Mas o mundo esquece-se às vezes... Por isso nós lembramos que temos bocas à nossa conta. Que temos velhos à nossa conta. Que temos tuberculosos também. Faltar-lhes? Nós acreditamos em quem nos lê. Queremos acreditar, porque a fé arraza montanhas!

Esta quinzena foi também falha. Nem um só dos nossos leitores sacou da carteirinha e nos enviou migalhas! Nós não perecemos, porque isso é impossível; mas teremos de reduzir a um ambito mais restricto a nossa acção. Custa muito descer... A quem não custa descer? Pois bem; vamos a ver se somos bem sucedidos. A todos que se lembrarem, Deus lhes pague. Se a dificuldade é de direcção: Casa do Gaiato—Paço de Sousa. Nome conhecido nas cinco partes do planeta!

J. M.

AQUI, LISBOA!

zes, foram-se 190 contos; para o amanhã da quinta: 73 contos.

Tirando cem contos da Assistência, os restantes quatro centos devemo-los à generosidade cristã dos particulares, e do nosso trabalho na quinta, que nos deu um acréscimo sobre as despesas, de 46 contos.

Nas igrejas colhemos 93 contos; os vendedores do jornal juntaram 51 contos; os restantes 244 contos foram depositados aos pouquinhos nas nossas mãos por quantos fizeram caminho para o Montepio e para aqui e para o Banco E. Santo. Ficou-nos uma pequenina margem para nos mantermos de pé, até que de novo recommence a correr a inexgotável fonte de recursos do coração do Homem, perante Obras sérias e construtivas como esta.

P.^o Adriano

Paço de Sousa

e de manhã os rapazes, vão-se vestir e dizem: a minha roupa, desapareceu; e diz outro do lado se calhar foi o Sultão. O Marão é pai deles; costuma-se dizer para onde vai o pai vão os filhos

Alfredo Rosa



Eis aqui dois Batatas da casa do Tojal. Nós colocamos toda a esperança nos que são nossos desde pequeninos. Há muitos deles naquela casa. Por a cozinha de lá ser muito espaçosa e o fogão muito quentinho, é costume rezar-se o terço ao borralho. Estão ali todos, uns 70 ou mais, sentados aonde calha. A sopa que acabaram de comer, era bem adubada e o conduto saboroso, por isso rezam com mais devoção... E assim crescem neste calor, à roda do lume. Muitos salvam-se e os que se perdem é por culpa deles.

Pelas Casas do Gaiato

LAR DO PORTO

VENHO um pouco atrazado relatar a consoada dos nossos Pobres, mas a todos peço desculpa, pois só agora me foi possível dar contas da generosidade de todos e da alegria dos nossos Pobres.

Foi com alegria que os visitamos na véspera do natal a dizer-lhes que ia nascer Jesus.

Antes uma senhora foi com o presidente da nossa Conferencia visitá-los e deixar em casa de cada um, batatas, massa, arroz, azeite, etc.

Esta senhora dá todos os anos donativos a 50 pobres e comb lê as nossas notícias, resolveu entre os 50 incluir os nossos pobres. Esta senhora viu a miséria de cada um e deixou-lhes alegria para a noite de Natal. A Legião também se associou e mandou-nos 10 senhas para ir lá buscar géneros, assim como o Governo Civil e o Conselho Particular. Mas nem só estes nos ajudaram na nossa cruzada! Outros mais se seguem. Produto de um sorteio realizado no Porto por duas Senhoras com as iniciais M. V. H. e H. M. G. 300\$00.

Um António do Porto 20\$00, no Espelho da Moda 50\$00, de anónimos; uma mulher pobre de Lisboa enviou o segundo mealheiro e dentro dele 20\$00 para os nossos pobres, e o resto para o nosso livro.

Mais 150\$00 e mais 20\$00 de anónimos. Mais 100\$00 do Sr. Bispo do Porto e 100\$00 de uma alentejana; 50\$00 entregues no nosso Lar; 28\$00 do nosso presépio e por último 40\$00 de uma quete feita entre os rapazes do nosso Lar na noite de Natal. A Lapidadora enviou-nos os nove vidros para a casa de Paranhos, e assim, já não passa tanto frio. Além destes donativos também nos enviaram roupas, e com outras peças que já tínhamos, e com cobertores que compramos, demos aos nossos pobres uma rica consoada. Para a pobre do Francisco compramos um tachito, uma panela e um par de sapatinhas.

Temos a certeza, que não lhes faltou nada na noite de Natal. Temos a certeza que viveram como nós o nascimento do Menino Jesus e que tiveram mesa posta e alegria na noite do Nascimento do Senhor. Mas fostes vós, amigos dos nossos Pobres, que contribuístes com a vossa generosidade para que estes Pobres tivessem um dia feliz. O pouco que lhes destes encheste-lhes a mesa e assim deram graças ao Senhor por ao menos naquele dia passarem um dia feliz e sentirem como nós o Nascimento de Jesus.

Todos agradecemos sinceramente com mãos ao alto a agradecer ao Senhor, as esmolas que se lhes deu.

Na visita que lhes fizemos, a seguir, ouvimos da boca deles o que foi o seu Natal. Há tanto tempo que não tinha assim um dia farto como este no Natal. Os demais anos comia uma tijela de sopa e se houvesse uma pinga de café tomava-o e ia para a cama. Outro comentou: o meu filho viu tanta coisa que antes de ir para a mesa foi agradecer a Deus as esmolas que lhe deram e rezar pelos seus benfeitores. E como estas muitas mais se ouviram da boca daqueles pobres que há muito não tinham assim uma mesa farta, como diz a voz do povo.

Mais alegria sentimos nós por sabermos que eles, como nós, comparti-

lharam da mesma alegria.

Neste ano de 1951 desejamos albergar mais Pobres na nossa Conferencia, mas para isso contamos como até aqui, com a colaboração dos nossos estimados leitores. Começamos a socorrer mais dois Pobres do Barredo e uma velhinha da Rua Firmesa.

Recebemos uma circular do Conselho Particular para eleições da mesa, que ficou assim constituída:

Licínio dos Santos—Presidente
Amadeu Mendes—Tesoureiro
Carlos Veloso da Rocha—Secretário

E por hoje nada mais estimado leitor. Só desejo agradecer o amparo que nos tens feito e as esmolas que nos tens mandado.

A todos um muito obrigado em nome dos nossos Pobres.

Carlos Veloso da Rocha

S. João da Madeira

A venda do famoso nesta Vila, tem andado com grande interesse e entusiasmo. Na derradeira quinzena venderam-se 326 jornais. Os vendedores foram o Machado que vendeu 132, o Barros que vendeu igual número, e o Areosa que despachou 62 jornais, pela segunda vez. Na primeira vez que vendeu foi mais feliz, pois conseguiu vender elevado número com uma diferença de 38 jornais da segunda vez. Já temos que mandar vir mais jornais, pois estes já são poucos. A seguir ao Porto e a Lisboa está S. João da Madeira a bater o record na venda do Famoso. Deus queira que ela não desanime, pois temos legítimas aspirações de chegar aos MIL. A venda aqui consiste nas seguintes localidades: S. João da Madeira, Espinho, Ovar, Arrifana, Couto de Cucujães. Além destas terras vendemos também na «Oliva» e nos arredores desta terra. Esperamos que a venda não desanime e continue assim, que é o nosso maior desejo.

VAMOS organizar uma conferência! Porque não o havemos de fazer? Dentro da Obra há já quatro; em Miranda, no Porto, no Tojal, e em Paço de Sousa. Os fundadores todos saíram de Miranda! A conferência é utilíssima à nossa formação. Não nos deixa esquecer que eramos pobres também. Todavia não deixamos de ser pobres na mesma obra, porque a a Obra da Rua é pobre, mas miseráveis como eramos dantes, não. A conferência é também utilíssima para a nossa Obra, porque Jesus disse: «Dai e recebeis.» Ora para receber é preciso dar e dar muito e de boa vontade, para que nos dêem também muito e de boa vontade.

ENTRE as poucas distrações que esta Vila oferece, as mais preferíveis para nós são estas: Futebol e Cinema. Digo isto aqui no Famoso, não para as nossas notícias serem mais volumosas, mas simplesmente para agradecer com gentileza. No cinema os seus directores são incansáveis em nos deixar entrar gratuitamente, e no futebol igualmente. Portanto, aos directores do Teatro Cine Avenida e da Associação Desportiva Sanjoanense, os nossos sinceros agradecimentos. Todos nós lhes estamos gratos e retribuimos em amizade.

TOJAL

NO dia dos Reis depois de termos jantado, o chefe deu um papel a cada um para fazermos a eleição do novo chefe.

Já nos dias anteriores havia quem fizesse cálculos mais ou menos certos. Alguns até combinavam entre si em quem haviam de votar.

O sr. Engenheiro, que estava na véspera de ir para o Seminário, foi quem presidiu. A medida que os votos iam caindo no Entroncamento, os partidários dele iam ganhando folgo até que se deitaram aos vivas quando ele acabou por ganhar as eleições, com 20 votos contra oito, do Pedro.

Houve mais quatro votos que se rsaram por outros tantos rapazes!

Os que tinham direito de votar eram 32. Só não votaram os batatas porque não têm voz activa.

O sr. Padre Adriano disse, ao terminar, que por enquanto continuava o Pedro a tomar conta até se abrir o Lar em Lisboa. E o Entroncamento só toma conta quando o Pedro estivesse ausente. Ele já deu conta de que era capaz, no dia em que o Pedro foi buscar a forgonete. Em honra do novo chefe partiu-se um bolo-rei, em seguida abriram-se duas garrafas de vinho do Porto, que nos deram, tudo acompanhado com vivas. Viva o nosso chefe António de Oliveira, do Entroncamento!

ATÉ que enfim que temos uma forgo nete. Há três anos que andamos aqui a pedi-la. Para levar hortaliça para a praça, para levar os rapazes para a venda do Gaiato; e para ir buscar donativos era um dinheiro que se gastava. Quem nos valeu foi o sr. Sub-Secretário das Finanças, e todos os outros Altos Funcionários do Ministério se interessaram pelo mesmo assunto.

No dia seguinte logo pela manhã levamo-la para a Covilhã para reparar umas peças que não pareciam estar boas. Almoçamos na dita cidade da Serra da Estrela, e momentos depois eu segui para Miranda, e ficando a forgonete entregue ao outro chauffeur.

Dei a volta pela Guarda onde estava a cair neve aos farrapos. Como nunca tinha visto, fiquei admirado. No dia seguinte seguimos para o Tojal, passando por Castelo do Bode, onde estivemos uns momentos a apreciar a linda barragem há pouco inaugurada.

Agora um recadinho às senhoras e senhores de Lisboa; temos já a forgonete. Como é bom de ver é preciso dar-lhe que fazer. Venham ofertas grandes ou pequenas. Ela trás tudo o que nos quiserem dar para a alegria dos nossos Rapazes.

Carlos Alberto

JÁ chegou a mobília para o nosso Lar. Agora sim, a nossa casa já está mais bonita, e ao mesmo tempo já oferece mais comodidade. No salão de jogos já temos três mesas e uma dúzia de cadeiras. No refeitório temos um guarda loiça e uma mesinha, na rouparia um armário e um guarda roupa, e finalmente nas camaratas dois guarda-fatos em embas. Ainda temos duas camaratas desocupadas, se pudessem mandar algumas camas...

José Maria Saraiva

Miranda do Corvo

POR motivo de ausencia do nosso crónista, António Gil, para S. João da Madeira fiquei eu com a indispensável obrigação de crónista. E por isso, aqui vão elas.

AS NOSSAS ELEIÇÕES.—Na segunda-feira, dia 1, de manhã, depois do café, o Sr. Padre Horácio reuniu todos os gaiatos e disse-nos que todos aqueles que tivessem mais de dez anos de idade, para cima, escrevessem num papel qual o nome do rapaz em que queriam votar. O Luís Ferreira—O Carequita, foi o que maior número de votos teve. Portanto já se sabe foi ele que foi nomeado chefe eleito. Depois o Sr. Padre Horácio chamou-o e disse-lhe para escolher um sub-chefe e ele escolheu o João António, conhecido em nossa casa por João de Torres Novas.

Os nossos Pobres tiveram um Natal melhorado. Demos alguma roupa usada, que a nós não fazia falta e mais algumas coisas não mencionadas aqui. A tia Maria Rosa das Meãs, como nós lhe não pudemos dar pelo Natal, ficamos em lhe levarmos uma saia e uma panela; e a uma Pobre do lugar do Corvo também lhe levamos uns chinelos porque não tem nenhuns.

A nossa venda do famoso correu menos mal. Na Lousã o Victor vendeu 28 jornais e o Joaquim 30; e em Miranda o mesmo Joaquim vendeu 20. Portanto nas duas vilas, a venda do famoso rendeu ao todo 78\$00; com mais alguns acréscimos ficou em 117\$90.

Na terça-feira fez anos que a nossa Obra foi fundada e confiada ao S. S. Nome de Jesus. Todos comungamos e assistimos à missa, a qual foi cantada com muito fervor. Pois foi mais um ano que Nosso Senhor Jesus Cristo nos concedeu e ao qual devemos muitas graças.

Há dias o Bucha a aquecer-se na cozinha dos porcos, e aconteceu que estando a queimar-se resolveu ir para cima do panelão do cozido o qual estava a ferver e então é que foram elas. O Bucha assentou-se em cima da tampa mas esta falsa e o Bucha lá foi para dentro do caldeirão que estava a ferver. Já é caso para se dizer que ficou cozido e assado no caldeirão.

João A. Alva

Paço de Sousa

NO dia 2 de Fevereiro abateu-se mais uma porca na nossa Casa; ela era pequena e muito gorda; pesava nove arrobas e pouco. Os nossos rapazes comeram muitos regélos com arroz e que bons eles eram! Agora temos poucos porcos e já tivemos uma ninhada com quinze. A mãe abateu 2 e agora só temos doze deles.

NO'S temos três cães na nossa casa que dão pelo nome: o Marão, o maior e Sultão e Bobi; os mais pequenos. Os nossos rapazes gostam deles principalmente dos mais pequenos. Este Sultão era irmão duma cadeliça que já morreu. Felizmente escapou ele.

O Sultão é levado da breca, ele pinta o diabo nas nossas casas, ele vai às camas dos nossos rapazes

(Continua na página 3)